

**Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Formação de Professores e Humanidades
Curso de Letras-Português**

***MACABÉA* ENTRE FINITUDE E
TRANSCENDÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA
MORTE COMO LIBERDADE EM LISPECTOR E
EVARISTO.**

LUCAS DIÓGENES OLIVEIRA PEDROSA

Goiânia
2025

LUCAS DIÓGENES OLIVEIRA PEDROSA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador (a): Prof Dr. Vitor Fernando Perilo Vitoy

Goiânia

2025

MACABÉA ENTRE FINITUDE E TRANSCENDÊNCIA: REPRESENTAÇÕES DA MORTE COMO LIBERDADE EM LISPECTOR E EVARISTO.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Aprovada em ____/____/____

Banca examinadora

Prof. Dr. Vitor Fernando Perilo Vitoy
Orientador

Profa. Dr^a. Elizete Albina Ferreira
Leitora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a mim mesmo, pelo esforço incansável, pela confiança que sustentei mesmo nos momentos mais desafiadores e pelo merecimento que só eu, de fato, compreendo. Cada linha aqui escrita é prova da minha capacidade, e me orgulho imensamente disso.

À minha mãe Nair de Fátima Silva, por cada palavra de incentivo e, principalmente, por cada puxão de orelha que me lembrou da importância de buscar um curso superior. Sua força, cobrança amorosa e fé em mim foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Aos meu orientador Prof. Dr. Vitor Fernando Perilo Vitoy, professores e colegas de jornada, por cada troca, incentivo e provocação crítica que ajudaram a construir este percurso.

Minha menção honrosa vai para minha tia Zonita Rosa de Jesus, cuja trajetória na docência e compromisso com seus ideais sempre foram muito admirados por mim. Com ela aprendi que ensinar é um ato de resistência e amor, e que a dedicação aos próprios sonhos é um caminho de coragem.

E por fim, dedico este trabalho a todas as vozes silenciadas que encontrei nas ruas, na vida, nas páginas e dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de vozes que resistem e de histórias que insistem em existir.

Não poderia deixar de mencionar Clarice Lispector, minha maior obsessão literária, cuja escrita me atravessa como um sopro de existência. Em suas palavras me encontro, me perco e me reinvento. Que sua escrita continue a ser o mistério que ilumina meu olhar sobre o mundo.

E por fim, à Conceição Evaristo, cuja escrita-carne me ensina que cada palavra pode carregar memórias ancestrais, dores silenciadas e potências de resistência. Que sua literatura continue a ecoar em mim como voz coletiva que pulsa, denuncia e ressignifica o viver.

*“A vida é um soco no estômago.”
A Hora da Estrela
Clarice Lispector.*

*“Flor de mulungu tinha a potência da vida. Força motriz de
um povo que resilientemente vai emoldurando o seu grito”
Macabéa flor de mulungu
Conceição Evaristo.*

RESUMO: Este trabalho realiza uma análise comparativa entre *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e *Macabéa: Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo, com ênfase na reconstrução da personagem Macabéa na obra de Evaristo a partir de novas perspectivas críticas. A pesquisa atribui uma mesma perspectiva à personagem nas duas narrativas, aproximando suas experiências de subalternidade, sofrimento e resistência. A partir das perspectivas do existencialismo e do pessimismo filosófico, combinadas às discussões sobre feminismo negro, escrevivência e lugar de fala, o estudo evidencia como a morte é representada como um momento de liberdade e transcendência. As obras revelam, assim, vozes marginalizadas que buscam afirmar sua identidade e conquistar reconhecimento social. Assim, o trabalho contribui para a compreensão das condições sociais, culturais e políticas que permeiam as obras, ressaltando a importância do lugar de fala na construção da identidade das personagens e no enfrentamento das opressões.

Palavras-Chave: morte; transcendência; liberdade; existencialismo; subalternidade; resistência;

ABSTRACT: This paper presents a comparative analysis between *The Hour of the Star*, by Clarice Lispector, and *Macabéa: Flor de Mulungu*, by Conceição Evaristo, focusing on the reconstruction of the character Macabéa in Evaristo's work from new critical perspectives. The research assigns the same perspective to the character in both narratives, highlighting their experiences of subalternity, suffering, and resistance. From the perspectives of existentialism and philosophical pessimism, combined with discussions on black feminism, writing from the margins, and the place of speech, the study highlights how death is represented as a moment of freedom and transcendence. The works thus reveal marginalized voices seeking to affirm their identity and gain social recognition. Thus, the paper contributes to the understanding of the social, cultural, and political conditions that permeate the works, emphasizing the importance of the place of speech in the construction of the characters' identity and in confronting oppression.

Keywords: death; transcendence; freedom; existentialism; subalternity; resistance

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 O EXISTENCIALISMO EM <i>A HORA DA ESTRELA</i> E A RESISTÊNCIA EM <i>MACABÉA: FLOR DE MULUNGU</i>.	11
1.1. Lugar de fala e epistemologia: o impacto das experiências sociais nas obras.	12
1.2. Da Angústia à Ancestralidade: O Vazio Existencial e a Memória Coletiva.....	17
2 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO.	23
2.1. A morte como libertação na obra <i>A Hora da Estrela</i>	24
2.2. A morte como transcendência e resistência em <i>Macabéa: Flor de Mulungu</i>	30
2.3. Tempo e memória: o impacto narrativo no passado e presente de <i>Macabéa</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho propõe uma análise comparativa entre a personagem Macabéa, nas obras *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector, e *Macabéa: Flor de Mulungu* (2023), de Conceição Evaristo. O foco da investigação recai sobre as representações da morte propostas por cada autora para a personagem central, em uma situação, como liberdade final e em outra, uma possibilidade de transcendência frente à opressão social, existencial e simbólica. Importa ressaltar que a morte, em ambas as narrativas, não é apenas um fim biológico, mas um marco de revelação, ruptura e resistência, sobretudo no contexto de uma personagem feminina marginalizada.

Em *A Hora da Estrela*, publicado em 1977, Clarice Lispector retrata a protagonista como uma personagem invisível e alienada, confinada a uma existência sem qualquer significado social ou pessoal. Neste cenário, a morte, que ocorre ao final da narrativa, se apresenta como uma válvula de escape, um ato de libertação do vazio existencial que percorre sua jornada.

Em contrapartida, em *Macabéa Flor de Mulungu*, Conceição Evaristo propõe uma nova interpretação em que a morte se transforma em um marco de transcendência, com uma perspectiva de mundo fundamentada na “escrevivência”. Partindo desse pressuposto, faz da protagonista um símbolo de resistência e herança ancestral, que vai além do âmbito pessoal, tornando-se um símbolo da batalha contra a opressão social e racial que a impediu de viver em sua totalidade.

Este estudo, ao confrontar as perspectivas de Lispector e Evaristo, busca compreender como ambas as autoras utilizam a morte como um recurso simbólico de liberdade, evidenciando, por meio de suas narrativas, diferentes aspectos da condição das mulheres oprimidas na sociedade. Assim, a pesquisa visa contribuir para o debate sobre os significados literários da morte, da liberdade e da representatividade feminina, a partir da análise das convergências e divergências presentes em suas obras. Além disso, ao considerar categorias como gênero, raça e marginalização, o estudo aprofunda a compreensão das realidades humanas e sociais vivenciadas pelas personagens femininas marginalizadas na literatura brasileira.

1 O EXISTENCIALISMO EM *A HORA DA ESTRELA* E A RESISTÊNCIA EM *MACABÉA: FLOR DE MULUNGU*

O presente capítulo propõe-se a analisar a construção literária da personagem Macabéa nas obras *já mencionadas acima*, buscando compreender como as distintas posições sociais e experiências das autoras influenciam a representação dessa figura central, que é a personagem Macabéa. Em um panorama literário marcado por vozes autorais distintas, a análise destaca a tensão entre o existencialismo e a resistência como eixos temáticos fundamentais para a compreensão das narrativas que envolvem a personagem.

Ao abordar as perspectivas contrastantes das duas escritoras, verificamos o impacto das experiências sociais na elaboração da narrativa literária, especialmente no que concerne às questões de marginalização, identidade e voz, uma vez que, como afirma Frantz Fanon em *Pele negra máscaras, brancas*, “falar é existir absolutamente para o outro.” (Fanon, 2008, p. 33).

Clarice Lispector, inserida em um contexto de elite cultural, desenvolve uma abordagem introspectiva pautada no vazio existencial e na busca de sentido da existência humana, enquanto Conceição Evaristo, mulher negra e oriunda de contextos historicamente silenciados, reinterpreta Macabéa a partir de uma perspectiva coletiva, política e de afirmação identitária.

Partindo desses pressupostos, pretendemos situar a análise literária no diálogo entre filosofia existencialista e epistemologias do lugar de fala, enfatizando como as condições sociais e históricas das autoras moldam suas representações e, conseqüentemente, os sentidos atribuídos à personagem. A partir dessa investigação, espera-se contribuir para a compreensão das formas pelas quais a literatura pode operar tanto como reflexo quanto como instrumento de resistência e transformação social.

1.1. Lugar de fala e epistemologia: o impacto das experiências sociais na narrativa literária de Clarice Lispector e Conceição Evaristo.

Macabéa se apresenta em um espaço simbólico de conflitos e reinterpretações. Embora partam do mesmo ponto, uma jovem nordestina, pobre

e invisível na metrópol, cada autora constrói essa trajetória de forma distinta, refletindo projetos literários, vivências e visões de mundo diferentes.

Clarice Lispector e Conceição Evaristo são escritoras que ocupam posições sociais completamente distintas. A primeira, inserida nas elites culturais do Brasil, escreve a partir de um universo mais introspectivo e filosófico, em que a angústia existencial do indivíduo diante da própria insignificância é o tema principal. Por outro lado, a segunda, uma mulher negra, nascida em uma favela de Belo Horizonte, criada sob restrições econômicas e exposta a experiências coletivas historicamente silenciadas: a do racismo e da desigualdade.

Compreendemos que a variação de experiência autoral afeta significativamente a maneira como cada uma representa a personagem, uma mulher nordestina. Em *A Hora da Estrela* (1977), Macabéa é uma personagem silenciada pelo seu próprio contexto de existência, uma mulher sem voz, inconsciente de sua condição e indiferente a qualquer sentimento de indignação ou anseio. Ela vive um dia a dia mecânico, alheia ao seu próprio sofrimento, conformada com sua posição no mundo:

Macabéa gostava de filme de terror ou de musicais, tinha predileção por mulher enforcada ou que levava um tiro no coração. Não sabia que ela própria era uma suicida embora nunca lhe tivesse ocorrido se matar. É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga. Enquanto olímpico era um diabo premiado e vital e dele nasceriam filhos, ele tinha o precioso sêmen. E como já foi dito ou não foi dito Macabéa tinha ovários murchos como um cogumelo cozido. Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver. (Lispector, 1977, p. 23).

A narrativa é construída como um exercício de aproximação entre quem observa e quem é observado, sem nunca realmente atravessar o abismo que separa esses dois universos. Esta estrutura evidencia o que é mais distintivo na obra de Clarice Lispector: a indagação acerca do sentido da vida, a procura por um “ser” que se manifesta na dor, no silêncio e, frequentemente, na morte. Esta perspectiva está diretamente ligada ao pensamento existencialista, que vê o ser humano como um ser lançado ao mundo sem um objetivo definido, compelido a encontrar um sentido para sua existência em um mundo marcado pela indiferença.

Após a leitura da obra de Clarice Lispector, fica evidente que Macabéa não consegue estabelecer esse sentido: ela é quase o oposto do sujeito existencialista consciente. A sua existência ocorre de maneira automática, e somente na proximidade da morte, conforme relatado pelo narrador, ela "percebeu que era feliz". Portanto, ao invés de resistência ou denúncia, o percurso de Macabéa na obra de Clarice Lispector está alinhado com uma reflexão acerca do absurdo da vida e do insucesso do indivíduo em entender ou modificar sua realidade.

Na reinterpretação feita por Conceição Evaristo, essa mesma figura é resgatada e modificada, não é meramente um ser solitário à deriva; ela é uma mulher negra cujas angústias e experiências são compartilhadas, recordadas e contadas por outras mulheres.

Macabéa não era uma pessoa de raso conhecimento. Era capaz de fingir de morta para enganar coveiro. Passava despercebida para muitos, enquanto nem sombra se movia longe dos sentidos dela. Dia e noite vigiava e assuntava a vida. A bem da verdade, Macabéa residia na casa da linguagem, embora não fosse de muito falar. Aprendera com os seus determinadas máximas. Em boca fechada não entra mosquito. Pouco errava em suas apreciações, não era dada à falação. Entre o ouro do silêncio e a prata da palavra, escolhia o recolher-se em si, em muitas Ocasões. Entretanto, exercitava a linguagem e muito. Primeiro com ela mesma, depois com o mundo, isto é, as outras, os animais e as coisas em seus estados. (Evaristo, 2023, p. 16)

A história é elaborada de maneira poética, repleta de lembranças, ancestralidade e identidade coletiva. Ao revisitar a história de Macabéa, Evaristo não apenas reconta uma trama literária, mas reconta a trajetória de muitas mulheres marginalizadas pela sociedade e pela própria literatura oficial. Desse modo, a personagem possui raízes, voz e corpo, e seu falecimento não simboliza o término, mas o começo de uma evocação de resistência que vai além da história. Temos, portanto, um destaque a respeito da relevância do lugar de fala, um conceito que se refere ao lugar social, político, histórico e cultural onde um discurso é proferido.

Clarice e Conceição falam de lugares diferentes, como mencionamos, o que influencia os significados que atribuem à vivência de Macabéa. Para Clarice, a existência é vista como um enigma, algo que se dissipa sem qualquer explicação ou redenção. Conceição considera a literatura como um instrumento de resistência, denúncia e formação de identidade. A sua escrita não se baseia

apenas na interioridade do indivíduo, mas também nas estruturas sociais que formam e oprimem esse indivíduo, particularmente quando se trata de uma mulher, negra e de baixa renda.

Conceição Evaristo se apropria de uma personalidade marcada pela falta e a reescreve em um novo registro, repleto de memória, denúncia, carinho e poder. Enquanto Clarice conclui a narrativa apresentando a morte como o ponto culminante do vazio existencial, Evaristo converte essa mesma morte em continuação: ele reabre a escuta para vozes que o silêncio da literatura convencional não conseguiu ouvir.

Nessa direção, ao examinar as representações de Macabéa nas obras de Clarice Lispector e Conceição Evaristo, podemos entender que a escrita não é meramente um reflexo da realidade, mas acima de tudo um instrumento de conflito simbólico. Os tópicos do existencialismo e da resistência não são simplesmente escolhas temáticas, mas caminhos que cada escritora trilha a partir do lugar em que reside, reflete e redige. Clarice questiona a Macabéa existencial sobre o significado da vida no vazio; Conceição responde com a força da memória, da fala e da reexistência.

Quando analisamos a perspectiva de Clarice Lispector sobre Macabéa, é inevitável não refletir sobre o lugar de fala da autora e como ele influencia a construção da personagem. Djamila Ribeiro em sua obra *O que é lugar de fala?* afirma que “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico”. (Ribeiro, Djamila, 2017, p. 16). Lispector, uma mulher branca, intelectual, oriunda de uma elite cultural, fala de uma personagem que ocupa o mais baixo estrato da pirâmide social. Essa distância entre autora e personagem não se dá apenas no plano da linguagem, mas também da representação e da legitimação da experiência. Macabéa, na voz de Lispector, não fala de si é falada.

Conforme destaca Djamila, historicamente, a estrutura dominante legitima algumas vozes e silencia outras. Neste contexto, a obra de Lispector denuncia a opressão sofrida por Macabéa, mas simultaneamente reafirma sua marginalização ao intermediá-la através de uma voz autorizada. A escritora inicia a narrativa de fora para dentro, desenvolvendo uma história na qual a protagonista não consegue expressar sua subjetividade, permanecendo na posição de objeto, de “ninguém”. Portanto, apesar da empatia estética, a partilha de experiências ou a horizontalidade no discurso não existem. Apesar de

humanizada, a voz de Macabéa ainda está sujeita ao filtro de uma visão que não é sua.

É importante contextualizar que *A Hora da Estrela* (1977) foi publicada durante o ápice da ditadura militar no Brasil, um período marcado por intensa repressão política, censura rigorosa e um ambiente intelectual dominado por elites culturais majoritariamente brancas, masculinas e letradas. Clarice Lispector se insere em um contexto de legitimação hegemônica: apesar de sua obra denunciar a marginalização social da personagem, ela foi publicada em um período tão delicado que seu impacto teve repercussão, por um público que frequentemente desconhecia ou apenas ignorava a vivência real de mulheres como Macabéa.

A resistência à opressão não surge de dentro, mas sim de uma elite intelectual que ainda detinha o monopólio da expressão. Portanto, o lançamento de *A hora da estrela*, apesar de inovador em termos estéticos, teve um efeito limitado à elite intelectual, que raramente era convidada a ponderar sobre seus próprios privilégios. Neste cenário, o livro revela a exclusão sem questionar a lógica que a fundamenta.

Do lado oposto, o ponto de vista de Conceição Evaristo desafia essa estrutura hierárquica. Evaristo, como uma mulher negra, de baixa renda e periférica, reflete sobre a experiência de ser historicamente marginalizada, Djamila Ribeiro sustenta que:

Falar a partir das mulheres negras é uma premissa importante do feminismo negro, como nos ensina Patricia Hill Collins sobre a necessidade dessas mulheres se autodefinirem, assim como fez Lélia Gonzalez ao evidenciar as experiências de mulheres negras na América Latina e no Caribe. Existe um olhar colonizador sobre nossos corpos, saberes, produções e, para além de refutar esse olhar, é preciso que partamos de outros pontos. De modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem. É como se ela se pusesse se opondo, fosse o outro do homem, aquela que não é homem. A filósofa francesa Simone de Beauvoir nos dá uma perspectiva interessante ao cunhar a categoria do Outro, em *O segundo sexo*, de 1949, tomando como ponto de partida a dialética do senhor e do escravo de Hegel. (Ribeiro, 2017, p. 22).

Lançada em 2023, quarenta e seis anos após a obra de Clarice Lispector, *Macabéa, Flor de Mulungu* emerge em um Brasil oficialmente democrático, embora ainda profundamente marcado por desigualdades sociais. Este período

tem sido caracterizado por avanços significativos nas políticas de ação afirmativa, como a implementação das cotas raciais nas instituições de ensino superior, bem como pelo fortalecimento dos movimentos negros e feministas nos espaços público e acadêmico. Tais transformações refletem uma crescente conscientização e mobilização social em torno da busca por equidade e justiça, que dialogam diretamente com os temas abordados na obra.

Não se pode deixar de considerar que a publicação ocorre em um momento de ruptura com o cânone literário tradicional. Nesse contexto, o público leitor passa a incluir vozes periféricas, e a obra assume o papel de denúncia para uma população historicamente representada apenas por perspectivas externas. Ao retomar Macabéa em sua escrita, Evaristo propõe uma experiência narrada que emerge da interioridade da própria condição subalterna, agora transformada em potência discursiva.

Como observado na obra de Djamila Ribeiro, a questão não é determinar quem pode ou não falar, mas sim compreender de onde se fala e quais silenciamentos estruturais precisam ser transpostos. Evaristo ultrapassa esse silêncio não só ao dar o nome a Macabéa, mas também ao reinterpretá-la na história como emblema de uma representação coletiva, de uma memória ancestral, de uma resistência materializada. A narrativa se transforma em um ato político: não se trata de conceder a palavra, mas sim de se apropriar dela.

Por essa razão, a autora se posiciona como agente de um processo de descolonização, produzindo uma obra literária que, ao mesmo tempo, configura-se como arte e denúncia, teoria e prática, conforme propõe a tradição do feminismo negro. Diferentemente de Lispector, que observa Macabéa externamente, Evaristo reconhece a personagem em si mesma, em sua mãe, avó e nas mulheres ao seu redor. Nesse sentido, Djamila Ribeiro alerta que:

há a tentativa de deslegitimação da produção intelectual de mulheres negras e/ou latinas ou que propõem a descolonização do pensamento. O propósito aqui não é impor uma epistemologia de verdade, mas de contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas. (Ribeiro, 2017, p. 9).

Evaristo converte o estado de apagamento em fonte de discurso, deslocando a centralidade epistêmica para onde anteriormente havia silêncio. Ela redige com a autoridade advinda da vivência, da memória racializada e da condição de mulher negra, tudo o que foi sistematicamente excluído do cânone. Assim sendo, a diferença de impacto entre as duas obras é um resultado direto dos lugares de fala que cada escritora ocupa e da conexão histórica do Brasil com a exclusão social e epistêmica. Clarice Lispector escreve para um Brasil onde Macabéa não era ouvida, Conceição escreve para um Brasil onde “Macabéas” começaram a falar.

Ainda de acordo com Djamila Ribeiro: "A linguagem, a depender da forma como é utilizada, pode ser uma barreira ao entendimento e criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento". (Ribeiro, 2017, p.17). Nesse contexto, a obra de Evaristo rompe essa barreira. É uma fala coletiva, contestadora, ao invés de uma representação mediada. Macabéa deixa de ser "invisível" para se tornar a voz de muitas pessoas enquanto Clarice Lispector, sendo genial e sensível, fala a partir de um lugar de privilégio epistemológico, no qual a experiência do outro é mediada.

Essa diferença entre as autoras, portanto, não está apenas no estilo ou na linguagem, mas em algo mais profundo: nas condições históricas em que certas vozes estão inseridas. Assim, analisar o contexto de publicação implica também entender como o lugar de fala influencia a recepção e a capacidade de mudança de um trabalho. Apesar da profundidade da crítica social em Clarice Lispector, ela ainda atua dentro dos limites de uma estrutura que a favorece. Conceição altera essa estrutura ao se colocar como um componente da realidade que descreve.

1.2. Da Angústia à Ancestralidade: O Vazio Existencial e a Memória Coletiva em Clarice Lispector e Conceição Evaristo

A figura de Macabéa em *A Hora da Estrela* é construída por Clarice Lispector como uma presença rarefeita, que permeia a história sem deixar vestígios perceptíveis no mundo ao seu redor. A sua existência parece desaparecer no dia a dia, como se a sua vida não possuísse profundidade nem

voz. A escritora não apresenta uma personagem caracterizada por atos grandiosos ou revoltas explícitas, mas por silêncios, hesitações e uma presença obscura, uma pessoa que, apesar de estar viva, não parece reivindicar completamente a existência. Durante o romance, a história enfatiza uma tensão entre o ser e o não ser, entre a existência como um fato biológico e a existência como consciência e decisão. Neste processo, Clarice Lispector cria uma estética do desaparecimento, na qual o vazio que cerca Macabéa é, paradoxalmente, o que mais a caracteriza.

Esta inquietação, focada no enigma da vida e no vazio que se manifesta na trajetória de Macabéa, se assemelha de maneira significativa às ideias do existencialismo do filósofo francês Sartre. O romance não é apenas uma descrição de um dia a dia comum, mas também o cenário de uma angústia silenciosa que evoca questionamentos profundos sobre a existência, liberdade e a responsabilidade existencial. Neste ponto, a filosofia de Jean-Paul Sartre proporciona uma ferramenta teórica rica para esclarecer a maneira radical como *A Hora da Estrela* explora a experiência de existir como um projeto inacabado ou abandonado, ou até mesmo como a falta de um projeto.

Jean-Paul Sartre (1989), ao declarar que "a existência precede a essência", quebra com o paradigma filosófico essencialista e transfere para o indivíduo a responsabilidade de moldar a própria identidade. No ato narrativo em *A Hora da Estrela* (1977), Clarice Lispector constrói uma personagem que desafia esse princípio de forma extrema. Macabéa existe antes de estabelecer qualquer essência que a defina subjetivamente; e essa existência parece ser um fluxo passivo, sem qualquer intenção ou decisão consciente, ela representa o paradoxo da existência: é livre, porém não se reconhece como tal, vivendo em um estado de "má-fé", conforme Sartre, um autoengano que previne a angústia da liberdade total:

O indivíduo mente para si próprio, tentando, desta forma, ludibriar as responsabilidades que lhe são pertencentes. "A má-fé é evidentemente uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento" (Sartre, 1989, p. 19).

Segundo Sartre, o ser humano é um "para-si" (pour-soi), isto é, uma entidade consciente, apta a refletir sobre si mesma, negar o que é e projetar-se para o que aspira a ser. Isso o diferencia do "em-si" (en-soi), que são os objetos

do mundo, seres estáticos, fechados em sua própria identidade, que apenas “são” e não têm consciência de si. Por outro lado, o “para-si” nunca é totalmente igual a si mesmo: está sempre em falta, incompleto, e por isso é movimento, decisão e constante mudança.

Quando afirmamos que Macabéa parece encarnar um “para-si” que se aproxima perigosamente do “em-si”, estamos afirmando que, embora ela seja um ser humano e, portanto, portadora da estrutura do “para-si”, ela não exerce as possibilidades dessa condição. Ela vive mecanicamente, sem refletir, sem negar o que é, sem se projetar para algo novo, ou seja, ela age como se fosse um “em-si”, um objeto no mundo, fixo e sem consciência.

Não se trata apenas de uma restrição externa ou social, mas também de uma negação interna, inconsciente, da própria liberdade ontológica. E é neste ponto que se aplica o conceito de alienação existencial: Macabéa está desvinculada de si mesma como um ser de projeto e livre. Ela não só não age, mas desconhece que tem a capacidade de agir; não só não faz escolhas, mas não percebe que está constantemente escolhendo ao não fazer escolhas. Segundo a perspectiva sartriana, ela se encontra alienada de sua própria liberdade. Segundo Sartre, o ser humano está fadado à liberdade, já que até mesmo a recusa em escolher já é uma escolha:

O homem escolhe o que projeta ser, usando de sua liberdade. E os seus valores serão criados através da escolha por ele feita, escolha da qual não há como fugir, pois mesmo a recusa em não escolher já é uma escolha. Assim, ao escolher, nota-se com evidência a sua liberdade. “A escolha é possível, em certo sentido, porém o que não é possível é não escolher” (Sartre, 1987, p. 17)

Assim, Macabéa não perde sua liberdade; ela apenas não a utiliza de forma consciente. A sua aparente apatia não a isenta do dever ontológico de existir. A declaração do narrador de que Macabéa “percebeu que era feliz” pode ser interpretada como um breve momento de consciência tardia, um momento de “para-si” que quebra a rigidez do “eu” que caracterizou sua trajetória. É uma vivência de limite que, de forma paradoxal, só acontece quando a possibilidade de um novo projeto de vida já foi descartada.

A narrativa de Clarice Lispector também exhibe a temporalidade sartriana. O passado de Macabéa não serve como redentor ou guia; ele simplesmente “foi”,

como algo inalterável e perpetuo. Ela vive um presente desvinculado de qualquer perspectiva futura, uma manifestação de estagnação existencial. Ao expor esse vazio do tempo vivido, Clarice posiciona Macabéa no centro de uma reflexão sobre o ser e o nada: ela é um ser que não vive sua existência, que não se transcende. Por fim, a sua morte não é meramente um acontecimento narrativo, mas o ponto culminante de uma vida que nunca se estabeleceu como um projeto: “O passado é marca do ‘em-si’. Enquanto o homem é consciente de si mesmo, no presente, ele vive segundo o modo do “para-si”, contudo, o seu passado tem todas as características do ‘em-si’ “(Sartre, 1987, p. 10).

Portanto, *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector pode ser interpretada como um romance que investiga, de forma radical e literariamente sofisticada, ao contrário da narrativa de Conceição Evaristo, as consequências filosóficas do existencialismo. Macabéa não é uma protagonista de tragédia nem uma figura de denúncia clara, ao contrário, ela é um reflexo desconfortável da liberdade não experimentada, do indivíduo que, por não se reconhecer como tal, se desintegra no absurdo da vida. Enquanto a primeira situa a protagonista em um mundo onde a vida se manifesta como um enigma e silêncio, numa angústia que não se entende e numa liberdade que não se concretiza, a segunda reestrutura essa trajetória a partir de uma nova perspectiva interpretativa e narrativa.

Em Clarice Lispector, a personagem que se aproxima do "em-si" ao negar seu próprio movimento existencial é resgatada desse estado de inércia e reintegrada a uma memória coletiva, a um corpo de resistência, por Evaristo. Assim, a solidão filosófica do indivíduo perdido no absurdo, típica da tradição existencialista, é substituída por uma escrita onde o ser não é mais definido apenas pela sua interioridade silenciosa, mas também pelo pertencimento, pela escuta e pelo resgate. Em Conceição, o que antes era um fracasso ontológico se transforma em continuidade e reencarnação.

A proposta de Conceição Evaristo em *Macabéa: Flor de Mulungu* representa uma ação que ultrapassa a simples reinterpretação literária: é uma ação de oposição a lógica da exclusão e do silenciamento que, conforme denunciado por bell hooks, marcou de maneira brutal a história das mulheres negras. hooks, em *Não sou eu uma mulher: Mulheres negras e feminismo*, sustenta que: “nenhum outro grupo na América tinha a sua identidade tão socializada fora da existência como tinham as mulheres negras” (hooks, 1981,

p.8). Esta declaração resume uma forte crítica à forma como a cultura dominante sempre negou às mulheres negras não só ao direito de falar, mas também à existência simbólica. Portanto, o resgate da personagem realizado por Conceição Evaristo é uma ação de reconstrução: retira ela do estado de sombra, do cenário de apagamento existencial tal como retratado em Clarice Lispector e a insere em um contexto coletivo de memória e cura.

Enquanto a *Macabéa* de Clarice é permeada por uma ontologia da falta, caracterizada por uma vida sem propósito, sem consciência crítica e sem linguagem capaz de transformar, Conceição quebra essa estrutura. O seu corpo e a sua trajetória começam a reverberar no que bell hooks debatia, dizendo:

A igualdade social positiva que garante a todos os humanos a oportunidade de modelar o seu destino na riqueza e produtividade comum, só pode ser uma realidade completa quando o nosso mundo não for mais racista e sexista. (hooks, 1981, p.85).

Ao invés de permanecer passiva, a personagem se transforma a ponto de compartilhar suas experiências, deixando de existir apenas pelo que padece silenciosamente e passa a ser definida pelo que suscita e manifesta nos corpos de outras mulheres. Essa transformação representa uma mudança crucial: *Macabéa* deixa de ser um sintoma de alienação e se torna um símbolo de ancestralidade.

bell hooks destaca que a exaltação da força das mulheres negras, uma prática recorrente em algumas leituras feministas, contribui para a perpetuação do silenciamento, ao confundir resistência com vitória: “Ser forte perante a opressão não é o mesmo que superar a opressão, que a sobrevivência não é para ser confundida com a transformação” (hooks, 1981, p.8). Conceição Evaristo entende essa diferença e a insere no cerne de sua reescrita. A sua *Macabéa* não é retratada como uma heroína ou mártir, mas sim como um corpo concreto que carrega cicatrizes, lembranças e herança ancestral. Ao agir dessa maneira, a escritora realiza o que hooks defende: uma literatura que não exalta o sofrimento como destino, mas o reinterpreta como uma força coletiva. Aqui, a resistência não é idealizada, mas sim é histórica e surge como uma prática de linguagem, identidade e futuro.

Este ponto de vista também questiona a lógica do feminismo branco, denunciado por hooks, que historicamente marginalizou as mulheres negras em seus discursos. Em outro trecho de sua obra, ela afirma:

Em toda a história americana, o imperialismo racial dos brancos apoiou o costume dos acadêmicos em usar o termo "mulheres" mesmo que eles se referissem unicamente às experiências das mulheres brancas. No entanto tal costume, praticado conscientemente ou não, perpetuou o racismo na negação da existência de mulheres não-brancas na América. Também perpetuou o sexismo quando assumiu que a sexualidade é a única característica auto definidora das mulheres brancas e negou a sua identidade racial. As mulheres liberacionistas brancas não desafiaram esta prática sexista-racista; elas continuaram-na. (hooks, 1981, p.9).

A Macabéa retratada por Evaristo está além dessa dicotomia: ela não é apenas uma mulher, nem apenas negra, mas uma mulher negra que carrega as marcas interseccionais de uma história coletiva.

Finalmente, Evaristo executa o que é conhecido como "escrita libertadora", capaz de influenciar a maneira como as mulheres afrodescendentes são vistas e se enxergam. Ao reintegrar a jovem negra e nordestina em um ambiente de fala, a escritora quebra o pacto de silenciamento e propõe uma nova forma de contar a subjetividade da protagonista.

2 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NA LITERATURA DE CLARICE LISPECTOR E CONCEIÇÃO EVARISTO

A literatura muitas vezes emprega a morte como um símbolo de reflexão sobre a condição humana, a opressão e a busca por espaço ou significado para a vida. Em *A Hora da Estrela* (1977), Clarice Lispector constrói uma trajetória de vida para Macabéa, uma anti-heroína, jovem nordestina que se destaca por sua condição de marginalizada, por suas limitações, em que a morte, ao final, vai se revelar como o ponto auge de sua vida, sendo seu maior momento de reconhecimento social, reafirmando sua insignificância, paradoxalmente.

Mas antes que Macabéa alcance seu trágico final, é essencial que sua existência seja ao menos definida. Por mais discreta que seja a sua trajetória, ela segue um processo fundamental: primeiramente, nasce, recebe um nome e uma identidade, mesmo que frágil e sem grande significado para o mundo que a rodeia. Esta construção inicial é importante para causar impacto na sua morte, já que é por intermédio da negação de sua presença ao longo da história que a ausência definitiva se torna tão simbólica.

A morte começa antes mesmo da introdução dos personagens na história, pois a escritora/autora descreve o complexo processo de construção da protagonista, destacando que, para que Macabéa possa existir na ficção, é imprescindível que ela “morra” antes, perdendo sua identidade, seu ponto de vista e, principalmente, seus privilégios, como podemos ver neste trecho:

Dava-se melhor com um irreal cotidiano, vivia em câmara leeeenta, lebre puuuuulando no aaar sobre os ooooouteiros, o vago era o seu mundo terrestre, o vago era o de dentro da natureza. E achava bom ficar triste. (...) Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo e – quem organizou a terra dos homens (...) Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser. (...) A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? (Lispector, 1977, p. 31-33).

Esta redução da subjetividade não só intensifica sua condição de exclusão social, mas também possibilita que a personagem atue como uma representação daqueles que não são notados nem ouvidos. Lispector, ao

evidenciar a quase fisiológica necessidade de trazer à luz essa narrativa, cria uma personagem ordinária – comum –, um ser que, se não fosse por um final trágico, continuaria a ser ignorada, uma estrela qualquer na imensidão do cosmos. A ironia da narrativa de Rodrigo S.M., o narrador do romance, acentua essa alienação: “Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé” (Lispector, 1977, p. 10).

A citação acima reforça a ideia de que a jovem não se dá conta de sua própria exclusão, que só fora evidenciada na hora de sua morte. Assim, a autora guia a personagem por um trajeto no qual a vida se apresenta quase como um incidente, apenas para ser esquecida sem causar grandes impactos, intensificando a crítica à indiferença social.

Algum tempo depois, a Macabéa nordestina é revisitada por Conceição Evaristo em *Macabéa, Flor do Mulungu*, estabelecendo um diálogo literário rico e pluralizado. É preciso notar que as duas obras retratam a protagonista como símbolo da marginalização e exclusão social, mas oferecem perspectivas distintas sobre sua morte e o significado que ela assume em cada narrativa. A interseção entre os enredos de Clarice Lispector e Conceição Evaristo nos oferece uma reflexão sobre a representação da personagem e a complexidade de sua trajetória. A morte de Macabéa, em ambas as narrativas, não é um simples evento biológico, mas um ponto de inflexão que carrega significados diversos conforme a perspectiva de cada autora.

2.1 A morte como libertação em *A Hora da Estrela*.

Em *A Hora da Estrela* (1977), Clarice Lispector insere a protagonista em um universo de profunda privação material e afetiva, marcado pela exclusão e pela indiferença até de si mesma. A morte da personagem, ao final da narrativa, surge como a única possibilidade de transcender sua condição de invisibilidade, sugerindo que seu destino trágico representa, paradoxalmente, uma libertação diante da dura realidade que enfrenta.

A protagonista, como descreve Rodrigo Molon de Sousa em seu trabalho *O sujeito deslocado em A Hora da Estrela*, assume a posição de objeto:

No próprio título dessa novela, com estatuto de romance, já podemos depreender o que virá pela frente: a destruição. A Hora da Estrela significa, na verdade, a hora da morte e a criação da obra, e faz que esse texto seja visto como um testamento literário, ou seja, uma história de um fracasso. (Sousa, 2011, p. 70).

Na obra de Lispector, a ironia é uma ferramenta utilizada pelo narrador, para lidar com sua incapacidade de representar plenamente a vivência de Macabéa, conforme novamente afirma Sousa: “O narrador aponta o lugar onde a personagem vive, num limbo, à margem, em um não-lugar, e acaba instaurando a ironia, que é ‘aquele movimento que faz a linguagem se suspender ou se negar a si mesma’” (Sousa, 2011, p. 72).

O crítico literário e professor destaca como a ironia é utilizada para enfatizar o abismo entre o narrador e Macabéa, além de realçar ainda mais a sua realidade negativa. Isso acontece porque Rodrigo S.M. não só conta a história da jovem nordestina com um tom condescendente e hesitante, mas também evidencia a vulnerabilidade da linguagem ao tentar compreender a existência da personagem. Em vez de proporcionar uma história que reinterprete a vida de Macabéa ou lhe dê algum destaque, a ironia intensifica a condição de vida precária da personagem.

De acordo com o que expõe Souza, a morte, ao chegar para uma pessoa que nunca teve a chance de ser verdadeiramente reconhecida, funciona como um “alívio trágico”, pois, embora represente o fim de todas as possibilidades da protagonista, também encerra a dor de não ser notada. Esse alívio, no entanto, é amargo, pois, ao mesmo tempo que libertaria a personagem do sofrimento, confirma a falência de uma sociedade que não soube enxergar e valorizar a vida dos marginalizados. Para completar, Rodrigo Sousa ainda destaca em sua obra que: “A morte de Macabéa é tanto uma tragédia pessoal quanto uma crítica social, expondo como os marginalizados permanecem invisíveis até que a tragédia os torna visíveis” (Sousa, 2011, p. 75).

Assim, é possível evidenciar que o falecimento da protagonista, além de finalizar sua jornada de invisibilidade, também estabelece um diálogo com uma

perspectiva mais abrangente sobre a condição humana. Este final se encaixa perfeitamente com o pessimismo existencial, onde a vida é caracterizada por um ciclo contínuo de dor e frustração. Nesta visão, a morte se apresenta como o único meio de encerrar essa batalha, aproximando-se do conceito schopenhaueriano de que a vida é conduzida por uma vontade cega e inflexível, como veremos mais adiante. Para ilustrar os argumentos que hora trazemos, vejamos um trecho da obra de Clarice Lispector:

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que a vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua. (...) Porque, por pior que fosse sua situação, não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma. Achava que cairia em grave castigo e até risco de morrer se tivesse gosto. Então defendia - seda morte por intermédio de um viver de menos, gastando pouco de sua vida para esta não acabar. Essa economia lhe dava alguma segurança pois, quem cai, do chão não passa. Teria ela a sensação de que vivia para nada? Nem posso saber, mas acho que não. Só uma vez se fez uma trágica pergunta: Quem sou eu? Assustou-se tanto que parou completamente de pensar. Mas eu, que não chego a ser ela, sinto que vivo para nada. (Lispector, 1977, p. 30).

A conexão entre a morte e o existencialismo, particularmente em relação ao pessimismo filosófico, é crucial para entender o sentido do final de Macabéa proposto por Clarice. A existência humana, sob essa perspectiva, é caracterizada pela afirmação da miséria íntima à existência. Para o filósofo alemão Arthur Schopenhauer, a existência é conduzida por uma vontade insensível e irracional, que conduz as pessoas a um ciclo sem fim de anseios e frustrações. Assim, a morte pode ser percebida como a única chance concreta de terminar essa batalha contínua. Ele declara em *O Mundo como Vontade e Representação* que:

A vida da maioria das pessoas é tão-somente uma luta constante por essa existência mesma, com a certeza de ao fim serem derrotadas [...] ao mesmo tempo, contudo, é bastante digno de nota que, de um lado, os sofrimentos e aflições da vida podem tão facilmente aumentar em tal intensidade que a morte mesma, de cuja fuga toda a vida consiste, é desejável e o homem voluntariamente a abraça; de outro, por sua vez, tão logo a necessidade e o sofrimento deem algum descanso ao homem (Schopenhauer, 2005, p. 403).

A ideia trazida no excerto acima dialoga diretamente com trajetória de Macabéa, que vivencia uma sequência de desamparos e angústias silenciosas,

sem qualquer perspectiva de fuga. A proposta schopenhaueriana de que a existência é marcada pelo sofrimento inescapável se reflete na personagem, que aceita sua condição sem questionamentos. Ao longo da narrativa, é perceptível que a incapacidade de reagir aos seus desafios impostos pela condição social em que faz parte, assumindo uma postura de passividade radical. O paradoxo que permeia sua morte, ocorre quando seu desfecho marca o ápice de sua incapacidade social, mas por outro lado, a expressão “hora da estrela” sugere esse instante de iluminação, ainda que tardio, momento em que, pela primeira vez, se torna perceptível para o leitor e para o mundo que a desprezou.

Schopenhauer também discute a negação da vontade de viver, mostrando que a verdadeira fuga do sofrimento ocorre quando isso acontece. Para ele, a vontade é o fundamento que conduz a vida, mas isto limita as pessoas a um ciclo interminável de anseios e frustrações. Contudo, essa mesma vontade se torna a causa principal do sofrimento, uma vez que nos aprisiona a uma procura constante por algo que nunca se concretizará completamente. Portanto, o filósofo alemão reforça que a única forma autêntica de evitar tal sofrimento intrínseco à vida não é por meio da satisfação dos desejos, mas sim pela total renúncia a eles.

No contexto de *A Hora da Estrela* (1977), a protagonista caracteriza muito bem esse pensamento. Essa falta de resistência pode ser interpretada como uma negação inconsciente do desejo de viver, já que Macabéa não se apega a nenhuma aspiração ou desejo relevante. A sua existência é guiada pelo acaso, sem demonstrar qualquer real desejo de mudança:

Ele: – Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!
 Ela: – Falar então de quê?
 Ele: – Por exemplo, de você.
 Ela: – Eu?!
 Ele: – Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.
 Ela: – Desculpe, mas não acho que sou muito gente.
 Ele: – Mas todo mundo é gente, meu Deus!
 Ela: – É que não me habituei (Lispector, 1977, p. 40).

Para Schopenhauer, libertar-se da vontade de viver implica eliminar os anseios e aceitar a aniquilação do próprio ser, o que pode ser mais bem compreendido quando verificamos com maior atenção a jornada da protagonista de Clarice Lispector. Quando finalmente se depara com a morte, não existe

resistência, apenas a realização de um destino que, segundo a perspectiva do filósofo, poderia ser considerado o único caminho para a verdadeira libertação: “Assim, o que tememos na morte de maneira alguma é a dor, pois esta reside manifestamente do lado de cá. Ademais, muitas vezes nos refugiamos da dor justamente na morte”. (Schopenhauer, 2005, p. (367).

Com efeito, ao analisar a morte de Macabéa sob a perspectiva existencialista e schopenhaueriana, observa-se que Lispector não só denuncia a indiferença social que condena a personagem principal à insignificância, mas também esculpe uma representação literária da morte como um acontecimento paradoxal proposto anteriormente: ao mesmo tempo em que é trágico, é libertador. Este final acentua a crítica social contida na obra literária, mas também enquadra a história em uma reflexão filosófica mais abrangente acerca da transitoriedade da vida e da ilusão da individualidade.

Para não retratar a morte apenas como um desfecho definitivo, Clarice Lispector a emprega como um elemento crucial para a reconstrução de uma identidade narrativa. A Macabéa em vida era ignorável, opaca e sem profundidade simbólica, mas a Macabéa no ato de sua morte, por outro lado, torna-se interpretável, apropriada e transformada em figura, para ser esquecida novamente após seu final "chamativo". Essa inversão radical da lógica da vida, viver sem significado, morrer para adquirir significado, possibilita refletir sobre as formas como indivíduos marginalizados são frequentemente chamados ao discurso apenas quando se tornam cadáveres simbólicos.

É possível afirmar que Clarice Lispector, ao tratar de um assunto aparentemente trivial, na realidade desenvolve uma espécie de subversão ética e narrativa. Ao invés de criar um personagem proeminente, um indivíduo heroico ou notável, ela dá destaque a uma existência precária, quase imperceptível aos olhos do mundo. Assim, o leitor é obrigado a lidar com essa fragilidade, sem a catarse típica da narrativa redentora. Em *A Hora da Estrela* (1977), não existe redenção. Mas sim, um tipo de luto quase simbólico, não somente pelo término da vida de Macabéa, mas pela percepção de que somente através do desaparecimento é possível estabelecer alguma permanência.

Portanto, essa reinterpretação simbólica após a morte não é meramente um resultado da narrativa, mas uma análise crítica da maneira como criamos

memória, sentido e valor. Macabéa não é recordada pelo que foi, mas por quem deixou de ser. O título da obra menciona a palavra "estrela" de forma totalmente ambígua, porque não se refere ao fulgor de uma vida completa, mas à centelha tardia de uma presença que só brilha quando já não pode mais iluminar ninguém.

Na perspectiva subjetiva, o que sobra ao término da história é um sentimento de vazio e luto. Não somente pela figura que faleceu, mas também pelo que poderia ter sido a sua existência, se tivesse sido percebida a tempo. A reconstrução simbólica feita pelo texto é simultaneamente um esforço para salvá-la e uma admissão de que já passou da hora. A linguagem surge posteriormente, e tudo que podemos fazer é documentar o que se perdeu.

No fim, Clarice Lispector parece sugerir que a única maneira de salvar Macabéa, ou pelo menos de devolver-lhe alguma dignidade, seria inseri-la na linguagem após a morte. No entanto, isso ainda é, de certa forma, insuficiente. Isso, contudo, é insuficiente. A dignidade póstuma, embora significativa, não repara o abandono que moldou toda a existência da personagem. O que se oferece, no máximo, é uma tentativa de nomear aquilo que foi perdido, mas sem jamais devolvê-lo.

É crucial enfatizar que Clarice Lispector não se detém no que ocorre após o falecimento de Macabéa. A história termina com a sua partida, sem um movimento evidente de reconstrução ou reinterpretação subsequente. A personagem deixou um vazio aberto, como uma brecha que a própria escritora não preencheu. Contudo, essa falta acaba se transformando em um espaço fértil para que outras vozes a ocupem, como ocorre com Conceição Evaristo ao visitar Macabéa sob um novo olhar. Se Clarice apontou o abismo, foi Conceição que examinou seu interior e deu uma nova forma ao que tinha sido silenciado.

No entanto, a perda não foi compensada. O que Macabéa não teve em vida, o direito de ser ouvida, entendida e respeitada, nunca é verdadeiramente recuperado. A conclusão da sua trajetória é marcada pela ausência, e o breve reconhecimento que recebe já não é suficiente. Contudo, mesmo sem alcançar a redenção, Macabéa continua sendo um símbolo. A sua imagem, pequena e apagada, transforma-se no símbolo máximo do que muitas mulheres desejam,

mas não conseguem mais ser. Embora atrasado, o seu nome ressoa como um alerta: viver sem voz é viver de forma incompleta.

Portanto, o que sobra no final não é apenas uma luz que se apaga tardiamente, mas um aviso constante que adverte, em um silêncio melancólico, que nenhuma mulher deveria aceitar viver como Macabéa viveu: sem identidade, sem história, sem escuta.

2.2A morte como transcendência e resistência em *Macabéa: Flor de Mulungu*.

Quando *A Hora da Estrela* foi publicada, em 1977, a interpretação predominante enfatizava a condição trágica da personagem principal como um espelho de uma sociedade que negligenciava os mais vulneráveis. Contudo, ao redigir sobre Macabéa décadas mais tarde, Conceição Evaristo redireciona esse olhar, mostrando a morte como um ponto de partida para resistência e reconhecimento. Esta mudança destaca o efeito duradouro da personagem, que, em vez de cair no esquecimento, transformou-se em um símbolo de denúncia social.

Para a linguista e escritora brasileira, uma revisão da trajetória da personagem é proposta, e sugere uma nova interpretação sobre sua morte, que mesmo marcada pela exclusão, ultrapassa o esquecimento imposto em vida., conforme enfatiza em sua obra:

“A Flor de Mulungu não ia fenecer. Não. A posição fetal em que ela se encontrava era um indício de que uma nova vida se abria. Ela ia nascer por ela e com ela. Macabéa ia se parir. [...] Todas, elas e eu, nós precisamos de Macabéa, Flor de Mulungu.” (Evaristo, 2023, p. 57 e 58).

Sua história então, se estende ao longo do tempo, persistindo como um eco daqueles que resistem na luta por serem percebidos e ouvidos, conectando-a a um processo de renascimento e de fortalecimento das vozes silenciadas.

A interpretação de Evaristo insere Macabéa no contexto da escrevivência, um conceito criado pela escritora para caracterizar uma literatura que surge das vivências de mulheres negras e periféricas. A protagonista de *A hora da estrela*,

após ter sua história contada, se conecta com as narrativas de opressão e apagamento que afetam corpos femininos de baixa renda e racializados no Brasil. Ao afirmar que Macabéa é a Flor de Mulungu, a autora na verdade faz uma projeção de si mesma, revelando a identificação pessoal que teve com a personagem e o poder simbólico que ela carrega. Em suas palavras, reitera que não precisa “de nenhum ardil para garantir que Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é minha parença-mulher com ela” (Evaristo, 2023, p. 11).

Nessa perspectiva, a conexão entre autora e personagem não se limita a uma identificação, mas configura uma estratégia de resgate das vozes historicamente silenciadas. Em *Macabéa: Flor de Mulungu (2023)*, Conceição Evaristo rompe com a lógica da mediação masculina e intelectualizada, ao permitir que a própria Macabéa ganhe corpo, voz e ancestralidade por meio da escrevivência. Ao contrário do que ocorre em *A Hora da Estrela (1977)*, aqui a narrativa não é atravessada por um narrador que se coloca entre a personagem e o leitor, mas é conduzida por uma perspectiva que legitima a experiência vivida da mulher negra, pobre e nordestina.

A escrita de Evaristo confere à personagem um lugar simbólico e político, indo além da individualidade e a transformando em representante de uma coletividade marcada pela exclusão. Macabéa, na visão da autora, não é apenas uma figura trágica, mas também um ícone de resistência e memória. Sua morte não representa o fim, mas o início de um legado que se inscreve na tradição oral e nas vivências compartilhadas pelas mulheres negras brasileiras. Assim, Evaristo não apenas dá voz à personagem, como também denuncia os mecanismos que historicamente a impediram de falar e de ser ouvida.

Bruna Valença Bacelar, em seu artigo *A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?”* de Gayatri Spivak, examina a dupla opressão que o subalterno, particularmente a mulher periférica, enfrenta: primeiro pela dominação colonial, seguida pelo patriarcado, que intensifica sua posição de silenciamento. Segundo Bacelar: “a identidade feminina é deslocada por essa dupla opressão hegemônica, permitindo, assim, a construção de uma identidade mais consciente.” (Bacelar, 2016, p. 23). Essa identidade deslocada é uma característica essencial da figura de Macabéa.

Conforme discutido anteriormente sobre o processo de criação da personagem, ela cresce sem referências que lhe permitam reconhecer sua

própria existência como um sujeito de discurso. A habilidade de falar e, principalmente, de ser escutada não é apenas um direito negado, mas um conceito que nunca se estabelece para Macabéa em vida. Como nos ensina Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem de estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr riscos de assumi-la. E terem, também, na medida em que, lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que a usam para oprimir, como seus proprietários, mas aos companheiros, que se assustam com maiores repressões (Freire, 1998, p. 19).

De acordo com essa perspectiva, a figura da cartomante que atende Macabéa no final do romance de Clarice Lispector, apesar de parecer caricata e oportunista, desempenha o papel supremo de libertar a protagonista oprimida. Somente após o encontro com a vidente é que, pela primeira vez, Macabéa escuta uma narrativa sobre si mesma que não a reduz. A mulher mística não só antecipa um futuro glorioso, como também a coloca em um estado de escuta ativa, algo que nunca tinha experimentado antes. Em um universo onde a palavra é propriedade alheia, é a promessa de um futuro promissor que, pela primeira vez, possibilita a reflexão sobre si mesma como alguém merecedor de uma história própria:

Sobre a não existência dos marginalizados, quando começam a existir (e ter sonhos) Macabéa ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero. Se ela não era mais ela mesma, isso significava uma perda que valia por um ganho. Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. (Lispector, 1977, p.63).

Contudo, essa libertação tão efêmera, ironicamente, proporciona um ponto final para sua história, isto porque sua morte carrega um grande significado, que é representado na releitura de Evaristo, quando a escritora se recusa a encerrar sua história. A morte, para alguns casos, não pode ser um ponto final, mas uma revolta latente que não pode ser negligenciada.

Ao declarar, em certo momento, que é a própria Macabéa, Conceição Evaristo rejeita a noção de que a morte de alguém represente o término definitivo de sua batalha. Em vez disso, ela usa a indignação da personagem, sua situação de invisibilidade e angústia, como um ponto de partida para gerar mais ruído e reconhecimento. Portanto, a morte é um convite para que sua indignação se difunda, e suas vivências, anteriormente ignoradas, ganhem voz e ressonância, abrindo caminho para o reconhecimento daqueles que, tal como ela, não foram notados em vida, mas que, em sua dor e resistência, se transformam em um clamor coletivo por justiça e reconhecimento.

Bruna Bacelar, reforça que: “Estudar e expor a condição da mulher subalterna é importante, pois tem o intuito de evitar, ou busca evitar, o que sentencia como homens brancos salvando mulheres de pele escura de homens de pele escura”. (Bacelar, 2016, p. 22). Essa afirmação se aplica diretamente à diferença entre as duas Macabéas, ao notarmos que as distintas realidades das duas escritoras, influenciadas pela época e pelo modo de tratar o tema, podem retratar essa mesma realidade de formas diferentes. Como Evaristo demonstra, a discrepância de tratamento para com as vozes periféricas, propondo estratégias para superá-la.

O estudo de Bacelar nos ajuda a compreender como se dá a subordinação feminina neste cenário, e como a supressão da voz de Macabéa revela um problema estrutural que vai além do âmbito ficcional. Para entender as complexas representações femininas na literatura e na sociedade, é crucial ponderar sobre os fundamentos filosóficos e teóricos que têm formado essas perspectivas ao longo dos anos e uma das principais influências em relação a tudo isso é o trabalho de Simone de Beauvoir, que, em *O Segundo Sexo*, apresenta uma análise mais atenta da situação das mulheres. Ao investigar como elas têm sido historicamente subjugadas ao homem, Beauvoir contribui para a compreensão da construção social da identidade feminina e suas consequências.

Simone de Beauvoir apresenta uma análise a fim de sustentar que historicamente a mulher foi posicionada como “o outro” em relação ao homem. Ela não é percebida como um indivíduo independente, mas sempre interpretada sob a perspectiva masculina, como algo secundário e sem importância. Para Beauvoir, “a mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não

este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro". (Beauvoir, 2009, p.10).

As propostas trazidas em *O Segundo Sexo* ficam evidentes na narrativa de Clarice Lispector, a partir do momento em que a autora decide optar por um narrador masculino e só reivindica sua voz quando já é tarde demais. Essa visão, complementa a análise anterior, e enfatiza a ideia de que, frequentemente, a mulher só se torna reconhecida quando já não tem mais como reivindicar sua própria existência. Para Beauvoir, "a morte detestada apresenta-se como novo nascimento e ei-la bendita". (Beauvoir, 2009, p. 187).

Beauvoir também pondera sobre a conexão entre a morte e a superação dos limites pessoais, declarando que "o homem quer afirmar sua existência singular e repousar orgulhosamente em sua 'diferença essencial', mas ele aspira também a demolir as barreiras do eu, confundir-se com a água, a terra, a noite, o Nada, o Todo" (Beauvoir, 2009, p. 188). Portanto, o final da história pode ser interpretado como a realização dessa integração com o todo, um instante em que Macabéa, finalmente, deixa de ser uma sombra invisível para se integrar a algo maior.

O encerramento da vida de Macabéa vai além do âmbito pessoal e se transforma em um instrumento de reflexão social e histórica. Embora na obra de Lispector ela destaque o fracasso de uma sociedade que nega o direito de voz aos marginalizados, na interpretação de Evaristo, ela se converte em um apelo para a reescrita de histórias esquecidas. Assim, ambas as obras abordam uma questão crucial na literatura: quem narra as histórias e como as vozes silenciadas podem ser recuperadas.

2.3 Tempo, memória e pulsão da morte: a maneira como cada narrativa impacta o passado e o presente de Macabéa

A representação do tempo na literatura tem um impacto direto na formação das personagens e no sentido de suas trajetórias. Em *A Hora da Estrela*, escrito por Clarice Lispector, e *Macabéa: Flor de Mulungu*, escrito por Conceição Evaristo, ele é um componente fundamental que distingue as narrativas das escritoras. Enquanto a primeira apresenta uma narrativa direta, objetiva e caracterizada pela urgência, a segunda sugere uma reconstituição do

tempo por meio da memória e da ancestralidade. Assim, ambas as obras proporcionam visões diferentes sobre a vida de Macabéa e sua conexão com o passado e o presente.

Na obra de Lispector, a personagem Rodrigo S.M. conta a trajetória de Macabéa em um estilo quase documental, organizando os eventos de forma sequencial. Ela é retratada como uma pessoa sem um passado relevante, vivendo apenas no momento presente, sem grandes ponderações sobre sua trajetória. Aqui, o tempo é um elemento que acentua a insignificância do personagem, como se sua existência fosse um acontecimento fugaz, destinado ao esquecimento. A escritora escolhe uma abordagem direta, com eventos ocorrendo rapidamente, culminando na morte repentina de Macabéa. Esta utilização do tempo reforça a sensação de inevitável e destino trágico que permeia toda a obra.

Esta concepção de tempo é estabelecida intencionalmente por meio de uma escrita colonial e patriarcal, pois impõe uma perspectiva única da vida, ignorando experiências que operam em ritmos diferentes. Macabéa, com sua lentidão e ausência de perspectiva, coloca em risco esse tempo valioso e, por isso, deve ser eliminada. Não é coincidência que a sua morte pareça um alívio narrativo para Rodrigo S.M., como se a incômoda situação da sua inércia tivesse sido finalmente resolvida.

Neste cenário, a imagem de Macabéa simboliza o corpo que não contribui para o capital. A sua ineficiência é uma contradição em relação à lógica do consumo e do trabalho. O tempo que ela passa mecânica, repetitiva e anestesiada demonstra o esgotamento de um corpo que foi explorado até a sua insignificância. O drama da personagem não se limita a morrer, mas também a nunca ter desfrutado do tempo completo, o tempo da construção subjetiva.

No trabalho de Clarice Lispector, Macabéa é a retratação de uma personagem que vive também à margem do tempo subjetivo, atada a uma rotina monótona e sem aspirações, sobrevivendo para sustentar um ciclo que não escolheu. Ela não tem espaço interno para formular anseios, o que aumenta sua alienação e apagamento.

Para compreender de forma mais ampla os efeitos desse tempo imposto e da ausência de um projeto de vida, é necessário recorrer a reflexões que

dialogam com o campo da psicologia e da formação subjetiva. A literatura, ao retratar personagens como Macabéa, não apenas narra destinos individuais, mas também denuncia sistemas que moldam a existência humana em moldes mecânicos e desumanizantes.

Embora a obra de Lispector seja caracterizada por uma estrutura linear que mantém a personagem em um cotidiano monótono, ela também expõe as restrições de uma linguagem lógica e imparcial para expressar o que está além do controle lógico. O estilo direto e fragmentado de Rodrigo S.M. busca estruturar um mundo que, no fundo, é desordenado, o que é evidente na representação de Macabéa. Neste ponto, a obra de Conceição Evaristo proporciona uma reviravolta crucial. Evaristo reformula a forma de narrar, mudando o foco da linguagem para uma oralidade repleta de memória, sensibilidade e consideração pela história da personagem. O seu texto vai além de uma simples reconstrução, é uma ação que convida o leitor a experimentar o tempo que se perpetua.

Conceição Evaristo, reestrutura o tempo de forma fragmentada e subjetiva, inserindo Macabéa em uma cronologia que não é apenas individual, mas também coletiva e ancestral. Trata-se de reconstruir o próprio ato narrativo com base em uma ética da escuta, em que o tempo não é medido por cronologias exatas, mas pelas camadas da memória e pelos afetos acumulados. Ao contrário da versão de Lispector, a personagem aqui não é um indivíduo isolado, mas uma pessoa cujas vivências refletem experiências coletivas. Então, o tempo se expande, fundindo recordações pessoais e históricas para formar uma visão mais abrangente da vida de Macabéa. A obra destaca a importância do resgate da memória como meio de resistência, mostrando como a trajetória de um personagem pode transcender sua existência pessoal e se integrar a uma tradição mais ampla.

Neste novo espaço-tempo, não existe início ou término, apenas continuidade e passagem. Macabéa passa a existir não somente no mundo físico, mas também na memória, no símbolo e no axé que sustenta sua ressurreição como flor de mulungu, uma planta ligada à cura e ao conhecimento nos conhecimentos de origem africana.

Também ocorre uma alteração no tempo da palavra. Na obra de Evaristo, o tempo se desenrola e se desdobra em camadas. A história não corre para esclarecer, mas para ser renovação. A palavra demorada constrói o corpo de Macabéa como uma reencarnação.

Ademais, a presença da oralidade na obra não é apenas um artifício estilístico, mas uma ação política. Evaristo desafia a supremacia de uma literatura caracterizada pela linearidade, pela clareza europeia e pelo foco no indivíduo. A sua redação é coletiva, tanto no conteúdo quanto na forma. A linearidade cede lugar à circularidade, tornando o texto um local de interação entre tempos e indivíduos.

Esta experiência de leitura também requer que o leitor reorganize suas perspectivas. Não se trata mais de seguir uma narrativa linear com início, meio e conclusão, mas de percorrer diferentes níveis de compreensão. Evaristo não proporciona respostas instantâneas nem soluções simples. Evaristo ensina, quando convida a ouvir Macabéa em sua circularidade e complexidade, que o momento de leitura também pode ser um momento de mudança.

Um aspecto fundamental nesta perspectiva é a função do leitor na dinâmica temporal do trabalho. Rodrigo S.M. busca gerenciar não apenas o tempo da personagem, mas também o do ponto de vista do leitor. Ele conduz, altera, brinca e, assim, prejudica o tempo de escuta. Evaristo, ao dividir e descentralizar a história, instiga o leitor a reconstituir esse período. Não existe um caminho linear: é preciso transitar entre ecos, silêncios e ruídos. Assim, o tempo de leitura também é político: ler Evaristo é reeducar-se para esperar, aguardar, rever.

Finalmente, vale ressaltar que o término de Macabéa, em ambas as versões, é um evento performático. Em *Lispector*, ela se vai como um sopro apagado. Em Evaristo, morre como quem floresce, existe um ritual, uma mudança, um traço. Neste contexto, a performatividade da morte não reside na falta, mas sim na continuidade. O tempo não termina a vida: redireciona a personagem para uma outra realidade, coletiva, mítica e insurgente. Neste momento, o tempo deixa de ser um domínio e se torna propriedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo, procuramos mostrar que as abordagens literárias de Clarice Lispector e Conceição Evaristo sobre a personagem Macabéa vão além da mera representação da morte, revelando reflexões profundas sobre identidade, subjetividade, memória e resistência. A análise evidenciou que, a partir de uma personagem comum, uma mulher nordestina e pobre, as escritoras traçaram trajetórias narrativas e simbólicas distintas, fundamentadas em suas respectivas posições de discurso. Enquanto Lispector concebe a morte como uma epifania do nada, o ápice do absurdo existencial, Evaristo a entende como uma continuidade ancestral e uma oportunidade de redenção coletiva.

Ao alternar entre o existencialismo sartriano e o pessimismo de Schopenhauer na leitura de Clarice Lispector, e ao incorporar a escrita, a ancestralidade e a crítica feminista negra na análise de Evaristo, exploramos as camadas filosóficas e políticas de ambas as narrativas. A complexidade da morte em relação à primeira autora decorre da sua natureza filosófica e da alienação de Macabéa em relação à própria liberdade. Já no caso da segunda, a morte se manifesta como um ato político de resgate, rompendo o silêncio com uma linguagem carregada de memória e voz.

Importa destacar que a nova “versão” da personagem, criada por Evaristo, não é apenas uma resposta ou releitura da obra de Clarice Lispector, mas um movimento estético-crítico que reestrutura Macabéa com base em outras epistemologias, aquelas que emergem das margens, das dores historicamente silenciadas e, sobretudo, da consciência racializada na escrita. Portanto, não se trata de uma rejeição da obra de Lispector, mas de uma reinterpretação dos seus significados a partir de novas lentes. As duas criações dialogam, apesar de provirem de universos ético-estéticos diferentes.

É necessário reiterar que a análise comparativa apresentada neste trabalho não se limitou a examinar como duas escritoras distintas abordam uma mesma personagem, mas compreender como os discursos literários operam em contextos de poder, cultura e linguagem. A leitura simultânea revela que a literatura é também um campo de batalha simbólica, onde a vida e a morte, enquanto elementos constituintes das duas narrativas em tela, podem tanto silenciar quanto abrir espaço para novos modos de existir. E é nesse contexto

literário que Macabéa pode refletir muito sobre as estruturas de exclusão no Brasil.

Outro aspecto que podemos destacar foi a revisão do conceito de cânone literário, na qual vozes como a de Conceição Evaristo desafiam as estruturas tradicionais de validação estética. Ao analisar Macabéa como personagem, mas também como símbolo social, esta pesquisa buscou oferecer subsídios para repensar a construção e desconstrução das identidades, daí o fato de a literatura contemporânea brasileira se apresentar como um espaço de negociação entre tradição e contestação, entre o silêncio imposto e a palavra resgatada.

As implicações dessa avaliação podem ir além da crítica literária, visto que impactam também nas formas de ensino, leitura e institucionalização da literatura, inclusive porque ao demonstrar que Clarice e Evaristo produzem suas obras a partir de pontos de vista radicalmente distintos, reforça-se a necessidade de incorporar no debate literário autores e autoras cujas experiências e vozes foram historicamente negligenciadas. A percepção dessas vozes amplia a interpretação, permitindo múltiplas leituras sobre um mesmo tema.

Procuramos destacar também a relevância da literatura como meio para a construção da memória coletiva. Por meio da escrita, Evaristo expande a compreensão da literatura como prática política e pedagógica, que não apenas narra, mas também reescreve corpos, narrativas e emoções silenciadas. Clarice, ainda que não intencionalmente, também oferece um ponto de vista crítico ao retratar a fragmentação da subjetividade de Macabéa, expondo as limitações de uma sociedade excludente.

A abordagem metodológica utilizada mesclou teoria literária, filosofia existencialista, psicanálise e crítica feminista negra. Para pesquisas futuras há a possibilidade de explorar novas conexões, como estudos decoloniais, epistemologias do sul, filosofia africana ou práticas pedagógicas decoloniais. Também é importante investigar a estética da recepção, buscando entender como diferentes leitores, especialmente em contextos escolares, interpretam essas obras a partir de suas próprias experiências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACELAR, Bruna Valença. A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak. NEARI em **Revista, Recife**, v. 2, n. 2, p. 21–32, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. (v. 1)
- EVARISTO, Conceição. **Macabéa: flor de mulungu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher: mulheres negras e feminismo**. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 1. ed. [S.l.]: Plataforma Gueto, 2014.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; justificando, 2017.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. 2. reimpr. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SOUSA, Rodrigo Molon de. **O sujeito deslocado em *A Hora da Estrela***. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 45-60, 2018.